

# **DES-COISIFICANDO O MUNDO: UMA REFLEXÃO ACERCA DA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA SOCIEDADE DE CONSUMO A LUZ DO DESENVOLVIMENTO HUMANO SUSTENTÁVEL.**

**Caroline Benvenuti**- Mestranda em Ciências Ambientais . carolbensc@hotmail.com.  
UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE-UNESC.

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo proporcionar uma reflexão sobre a possibilidade da construção da subjetividade numa sociedade do “ter”, que privilegia aspectos materiais frente às necessidades intrínsecas do ser humano, como a individualidade. Esse modelo de sociedade de consumo, baseado em um sistema de crescente produção e aquisição de bens de consumo, permeia um desenvolvimento mensurado através do crescimento econômico. O Planeta vive uma crise sem precedentes, dessa forma a sociedade precisa repensar seu *modus vivendi*, buscando uma forma harmônica de convívio entre o Homem e a natureza. Aqui, é ressaltado o Desenvolvimento Humano Sustentável, viabilizando uma forma de empoderamento e conseqüentemente de possibilidade das pessoas fazerem suas escolhas e se tornarem consumidores conscientes.

**Palavras-chaves:** Subjetividade; Consumo; Desenvolvimento.

## **INTRODUÇÃO**

“Estudar a crise ecológica significa aprofundar a questão acerca do funcionamento das sociedades contemporâneas, estilo de vida, modo de produção e consumo” (MELO, 2006). Pelo “progresso” se cometeu sacrifícios em favor de uma minoria. A partir disso, da relação que o Homem estabelece com a natureza, evidencia-se a raiz da crise planetária: a crise de percepção, do homem consigo mesmo e com o que está ao seu redor.

Relacionado com a economia de mercado e o capitalismo, está o consumo. Este faz parte da manifestação do estilo de vida das diferentes sociedades. Para Mance (2003), o consumo “é o momento final do processo produtivo”, podendo ser produtivo (energia, por exemplo) ou final (fruição de bem ou serviço). Atualmente, a sociedade ostenta tanto os aspectos materiais que pode ser classificada como uma sociedade de consumo, termo especificado posteriormente neste trabalho.

Este consumo pode ser alienante, no sentido de que o sistema capitalista gerou uma padronização. Para Mance (2003), ele é praticado pela influência publicitária, gerando desejos e fantasias, necessidades muitas vezes falsas a fim de movimentar a máquina do mercado que visa o lucro. Assim, o enfoque deste trabalho é justamente refletir até que ponto esse tipo de consumo limita a formação da subjetividade no ser humano, sendo que a personalidade do sujeito é construída pelos modelos nos quais ele está inserido, pela sua

participação em determinados grupos sociais, pela interação do indivíduo e a sociedade.

Numa perspectiva de mudanças, propõe que haja uma nova ótica de desenvolvimento, com um foco humanista: o Desenvolvimento Humano Sustentável. Um sujeito capaz de fazer as suas escolhas poderia se adaptar ao consumo consciente de forma mais eficaz, tendo ciência de que suas atitudes geram conseqüências na vida de outras pessoas e no Planeta.

Para Mance (2003), o consumo além de alienante, pode ser para o bem-viver. Não levando em consideração apenas as exigências da sociedade capitalista e da publicidade, mas sim tendo os recursos materiais (condições financeiras que possibilitem uma vida digna) e imateriais (cultura, educação,...) necessários para a possibilidade de escolher produtos e serviços que sejam satisfatórios para a qualidade de vida e para a singularidade dos seres humanos.

## **1 A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE**

A subjetividade é “(...) resultante do entrecruzamento de produções coletivas, sociais, culturais, econômicas, tecnológicas, de mídia; que irão produzir efeitos no marco singular da individualidade e construir formas de ser sujeito no mundo”. (VERONESE, 2008)

O sujeito não é um ser social e individual, pois o social está no individual e o individual no social. Existe um ponto de conexão entre o individual e o social, chamado de epistemologia convergente, é somente nele que se pode falar de individualidade do grupo e sociabilidade do sujeito (GONÇALVES, 2007). Esse entendimento de que o sujeito é singular e não individual é um conceito das ciências sociais que não o separa do meio e é de suma importância para a compreensão da subjetividade que é construída e produzida pelo sujeito na coletividade.

Como questiona Gonçalves (2007) em que condições a subjetividade se constrói e quais são os fatores necessários para o desenvolvimento das capacidades humanas? A autora supracitada afirma que é preciso conhecer o psíquico e o social que atuam na interação entre indivíduo e sociedade, tendo em vista que o ponto de partida para a construção da subjetividade é a primeira experiência de interação do ser humano.

Esse primeiro contato do ser humano, essa interação, é feita entre o bebê e sua mãe. A personalidade do ser humano vai sendo moldada na medida em que ele interage com os estímulos trocados com o meio. Nesse caso, a mãe é o ponto fixo. Essa primeira interação é, portanto, fonte de toda subjetividade.

Sendo a mãe o ponto fixo, ela é valência positiva que ajuda o bebê, nos primeiros anos de vida, a construir seu mundo interno e sua personalidade. A mãe suficientemente boa, a mãe capaz de ser continente para as angústias do bebê, capaz, também, diríamos, de oferecer um ponto fixo, um porto seguro que acolha e estimule o crescimento emocional (GONÇALVES, 2007).

A estruturação da personalidade é orientada por modelos, como é o caso da mãe para o bebê. Damergian (2001) diz que da mesma forma, a sociedade pode ser uma boa mãe ou uma madrasta, no sentido de que oferece modelos identificatórios (família, escola, instituições de saúde, cultura e mídia, etc). Para Gonçalves (2007), “essas instituições

influenciam os conteúdos vivenciais do sujeito num processo de mão dupla: projetamos o psíquico no social e internalizamos o social”.

Atualmente vivemos numa sociedade paradoxal. Vemos tantos avanços científicos, a revolução na biotecnologia e da informática, ao passo que muitas pessoas ainda morrem por falta de comida, o trabalho escravo e infantil existem em muitas partes do mundo, altos índices de violência, e tantas mazelas sociais. Como menciona Damergian (2001) “preocupamo-nos com a violência que mata, mutila, rouba. E não com a violência psíquica, social, afetiva que nos rodeia, e anula o presente, roubando qualquer esperança de futuro de milhões de criaturas”.

Quanto mais a sociedade foi exposta a um sistema mecanicista, se afastando de valorização da vida e de um sistema de auto-organização, as pessoas tiveram seus valores e práticas padronizados. Capra (2002) afirma que “(...)quanto mais compreendemos a natureza da vida e tomamos consciência de o quanto uma organização pode ser realmente viva, tanto maior é a nossa dor ao perceber a natureza mortífera do nosso atual sistema econômico”.

Esses caminhos passam pela construção (ou desconstrução) da subjetividade, pelas necessidades inerentes ao processo e pelas dificuldades para se manter a identidade do eu em um cenário em que as interações são marcadas por contrastes violentos, em que se promove o desenraizamento cultural de migrantes e segmentos expressivos da cultura popular e em que busca eliminar a heterogeneidade e impor heteronomia na vontade (DAMERGIAN, 2001).

Sobre a formação de atores sociais, Castells (1999) diz que “(...) entende por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados o(s) qual (is) prevalece(m) sobre outros significados.”

A identidade é um processo de construção, que se vale de “(...) de matéria-prima história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso” (CASTELLS, 1999). No entanto, tudo isso vai ser processado pelo indivíduo e pelos grupos sociais, reorganizando seus significados a partir das tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como uma sua visão de tempo/espço.

Em meio a tantas teorias, cabe questionar: a sociedade pós-moderna tem formado que tipo de sujeito, de quem especificamente estamos falando como resultado do modelo capitalista? Levando em consideração tantos antagonismos, a perda de um vínculo criativo do trabalho, a aculturação, pode-se afirmar que estamos diante de um sujeito não crítico, que aceita padrões estabelecidos por um sistema dominante; sem motivação para o trabalho visando muitas vezes apenas o capital; competitivo para responder as expectativas da “lei da selva” e para suprir suas necessidades instigadas pela mídia; que prioriza o cognitivo, o racional, e não desenvolve outras capacidades como o afetivo e o simbólico.

## **2 DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE: CONTEXTUALIZANDO A SOCIEDADE DE CONSUMO.**

Nosso sistema econômico está baseado no capitalismo, Cattani (2003) destaca três principais problemas decorrentes do mesmo. O primeiro indica que através da intensificação da sua natureza, acumular sem limites, a subjetividade foi deixada de lado. Fatores como a criatividade inerente ao ser humano e o trabalho como um processo vital, foram alienados pela lógica de mercado.

O segundo corresponde à agravação das desigualdades, através da injustiça e no acesso e fruição aos bens desenvolvidos. O antagonismo, riqueza e miséria, muitas vezes é considerado como mera consequência do esforço de alguns e da incapacidade de outros em progredir. “Essa concepção de meritocracia, fundamentada na concorrência entre desiguais, permite legitimar processos de exclusão e de eliminação dos “menos capazes”. (CATTANI, 2003).

O terceiro, é o risco da sobrevivência no Planeta. O afastamento do Homem e da natureza ocorreu na medida em que ela foi subordinada a uma lógica de mercado, deixando de ser valorizada pelas conexões existentes entre todas as formas de vida e passando a ser mero produto a ser explorado com fins lucrativos (CATTANI, 2003).

A inversão de valores na nossa sociedade é “gritante”. “A busca de *status*, de lucro, de prestígio, de poder, substituiu os valores tradicionais: o sentido de enraizamento, equilíbrio, pertença, coesão social, cooperação, convivência e solidariedade” (LEFF, 2004).

“Enquanto sistema total, articulando reprodução material e social, ele se apresenta como um horizonte intransponível na medida em que as resistências são fragmentadas e constrangidas.” (CATTANI,2003)

Morin (1995) exemplifica afirmando que “os 25% da população do Globo que vivem nos países ricos, consomem 75% da energia; as grandes potências conservam o monopólio da alta tecnologia e se apropriam até mesmo do poder cognitivo e manipulador do capital genético das espécies vivas, inclusive a humana”.

A soma de todos esses fatores desencadeou mais do que uma simples crise, mas uma policrise que comporta vários problemas em um único maior: a degradação sócio ambiental do Planeta. O homem e a natureza fazem parte da mesma teia da vida,“(...)vislumbram-se um movimento de ação e outro de reação, pois o homem age sobre a natureza, modifica-a (ação) e, ao modificá-la, transforma-se a si próprio (reação) em termos de capacidades psicofísicas” (PALANGANA, INUMAR, 2001).

Se o desenvolvimento reducionista por um lado alavancou grandes inovações para a Humanidade: enorme variabilidade de produtos, máquinas cada vez mais funcionais, a informatização, tudo contribuindo para o conforto e bem-estar de uma sociedade de consumo; por outro, negligenciou a qualidade sócioambiental, os valores humanos, e o alto custo de todo esse “progresso” ressalta a necessidade de refletir sobre alternativas para o mesmo.

## **2.1 A sociedade de consumo**

É entendida como o tipo de sociedade que se encontra numa avançada etapa de desenvolvimento industrial capitalista e que se caracteriza pelo consumo massivo de bens e serviços, disponíveis graças a elevada produção dos mesmos. Esse termo é relacionado com a economia de mercado, entendendo economia de mercado aquela que encontra o equilíbrio entre oferta e demanda através da livre circulação de capitais, produtos e pessoas, sem intervenção estatal (WIKIPEDIA, 2008).

Lasch (1986) afirma que:

A produção de mercadorias e o consumismo alteram as percepções não apenas do eu como do mundo exterior ao eu; criam um mundo de espelhos, de imagens insubstanciais, de ilusões cada vez mais indistinguíveis da realidade. O efeito especular faz do sujeito um objeto; ao mesmo tempo, transforma o mundo dos objetos numa extensão ou projeção do eu. É enganoso caracterizar a cultura do consumo como uma cultura dominada por coisas. O consumidor vive rodeado não apenas por coisas como por fantasias. Vive num mundo que não dispõe de existência objetiva ou independente e que parece existir somente para gratificar ou caracterizar seus desejos.

Essa sociedade cria uma espécie de falsa felicidade, dirigindo às pessoas à noção de que somente serão felizes na medida que se enquadrarem no padrão de consumo imposto muitas vezes pela mídia. Nessa sociedade ter dinheiro significa ter status, maior possibilidade de consumir, e porque não dizer de ser feliz. A individualidade é deixada de lado por uma cultura de massas. “Os campos do gosto, da vontade, do desejo, dos conceitos - especialmente, dos conceitos de bom e belo -, são comandados pelo mercado, que os manipula a fim de instigar o consumo”(PALANGANA, INUMAR, 2001).

Claus Radloff (2002) afirma que não há como dissociar o ser humano contemporâneo da cultura do consumo, “somos, indubitavelmente, contumazes consumidores, quer seja pela necessidade biológica, quer pela necessidade incessante de atendermos nossos desejos, mesmo os mais dispensáveis e supérfluos.”

No entanto, este trabalho atenta para o fato de que o consumismo forjar um ser humano com um vazio existencial, que é suprido por “coisas” ou pelo anseio de possuí-las. Frear o consumo, dar uma trégua ao Planeta, estar conectado com nossa casa maior, são todas medidas a serem repensadas na atualidade.

### **3 O NOVO PARADIGMA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO SUSTENTÁVEL E O CONSUMO CONCIENTE.**

Em meio a tantos paradoxos da sociedade capitalista, o Desenvolvimento Humano Sustentável é um novo paradigma que vem contra à mensuração do desenvolvimento meramente pelo crescimento econômico, através do PIB. Conceito sendo trabalhado pelo Programa das Nações Unidas pelo Desenvolvimento (PNUD), possui um enfoque humanista e multidisciplinar, considerando que as pessoas devem ser o centro da teoria desenvolvimentista: é o desenvolvimento das pessoas, pelas pessoas e para as pessoas.

O economista Amartya Sen dá grande contribuição sobre o tema, principalmente na sua obra intitulada Desenvolvimento como liberdade. O autor considera que temos que ser livres para fazer nossas escolhas de acordo com o que entendemos como importante para nossas vidas. Para tanto, é preciso que tenhamos a capacidade de discernir, adotando uma postura crítica com relação aos modelos que nos são impostos.

O Desenvolvimento Humano Sustentável envolve fatores relacionados com as questões sociais, ambientais, culturais, delineadas pela forma com que cada pessoa vive, seu estilo de vida e suas volições.

(...) Abrange meios e fins; justiça social e desenvolvimento

econômico; bens materiais e bem-estar humano; investimento pessoal e empoderamento das pessoas; atendimento das necessidades básicas e estabelecimento de redes de segurança; sustentabilidade ambiental para as gerações atuais e as futuras; e a garantia dos direitos humanos- civis, políticos, sociais, econômicos e ambientais (OLIVEIRA, 2006)

Sob esse ponto de vista alguns conceitos importantes norteiam o ideal desse desenvolvimento. Aqui, considera-se que as oportunidades envolvem a subjetividade e estão além da mera disponibilidade de recursos, passando por critérios de escolhas que vão depender diretamente do ambiente no qual as pessoas estão inseridas, sua cultura.

Para Sen (2001),

*Oportunidades reais ou substantivas* envolvem mais do que disponibilidade de recursos. *Capacidades* são poderes para fazer ou deixar de fazer (incluindo “formar”, “escolher”, “buscar”, “revisar” e “abandonar objetivos”), sem os quais não há escolha genuína. Também envolvem algo que poderíamos chamar de “acessibilidade” a recursos, que depende muito das *habilidades* e *talentos* que cada pessoa tem para usar alternativamente recursos.

Ao impor um modelo de desenvolvimento ocidental como verdade absoluta, frustrou-se gravemente uma série de habilidades de povos que possuem suas características peculiares. Muitas dessas características interferem drasticamente no modo como diferentes culturas se relacionam com o meio ambiente, como fazem o manejo dos recursos naturais. A biodiversidade não é somente formada pelo natural, inclui a dimensão humana porque justamente está associada aos ambientes, relacionado-se com eles.

Ao se tratar de consumidores, essa “opressão” remete-se ao processo automatizado das fábricas, cujos produtos passam por esteiras e chegam ao final sobre uma forma padronizada. E os que não adquirem essa mesma forma são descartados, como algo que não tem valor porque não se “encaixaram” no padrão desejado. Pessoas não são máquinas, nem mercadorias. Todos devem ter o direito ao desenvolvimento, sim. Mas um desenvolvimento como liberdade, tendo ciência de como deseja praticar esse direito.

A indiana Vandana Shiva (2003) exemplifica esse processo com a Revolução Verde, movimento que ocorreu na agricultura a fim de implantar a mecanização e utilização de produtos químicos no campo. Ela considera que não houve somente uma monocultura como forma de produção, mas também uma monocultura da mente. Uma padronização na forma de pensar, instigando a liberdade em prol de uma exigência do mercado.

Para Sen (2001), a qualidade de vida está diretamente relacionada com as escolhas genuínas, embasadas na vontade verdadeira de fazer ou abster-se de algo, e não meramente impostas por um sistema dominante.

Nessa perspectiva de desenvolvimento, de pessoas que obtenham um empoderamento e tornem-se verdadeiros cidadãos aptos a escolhas genuínas, enquadra-se também uma nova visão de consumo. Não relacionado ao ato de consumir como forma de suprir algo que não encontra-se dentro de si ou de status, mas de suprir as próprias necessidades respeitando a dimensão sócioambiental do Planeta.

O consumo consciente é o novo padrão a ser sugerido. É consumir levando em consideração os impactos provocados pelo consumo, as conseqüências sócioambientais. O sujeito autônomo pode através das suas escolhas consumir visando a qualidade de vida, a redução da desigualdade, a preservação do meio ambiente. Enfim, pode buscar maximizar os impactos positivos e minimizar os negativos, contribuindo na construção de um mundo sustentável. Sendo incluído no conceito de sustentabilidade a dimensão humana, seu enfoque psicossocial, fatores relevantes como a criatividade, a amorosidade, a solidariedade, a individualidade.

A decisão na hora de consumir deve ter um embasamento ético e democrático. O mercado dever oferecer diversas opções a fim de satisfazer a todos, manifestando a sua preocupação com a qualidade sócioambiental. Da mesma forma, o consumidor levará em consideração todos os benefícios que o produto pode trazer não somente à sua vida, mas de todas as pessoas que estão envolvidas nessa cadeia.

O Desenvolvimento Humano Sustentável, como um novo paradigma de desenvolvimento, pode desencadear a formação de sujeitos reflexivos, inclusive sobre o consumo e suas conseqüências.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ser humano é por sua natureza singular, único, tendo características, gostos e vivências próprias. Essa característica soma-se ao contexto no qual ele está inserido, sua cultura e modo de viver, já que também é um ser social. Assim, a subjetividade é o entrecruzamento do individual com o social.

As atitudes do sujeito são reflexo desses fatores, isso vai influenciar o modo como ele se relaciona com o meio e sua sociabilidade. O ato de consumir faz parte disso por evidencia a capacidade de escolha do sujeito, sua postura ética, como ele se relaciona com as outras pessoas e o Planeta.

É notório que o padrão de desenvolvimento capitalista trouxe um sistema que considera tudo como uma máquina: a natureza, o Homem, as empresas, etc. A formação da subjetividade pode sofrer danos, na medida em que houve uma padronização, uma aculturação em prol de um sistema dominante que privilegia o capital.

O ritmo acelerado e descartável da sociedade de consumo gerou no ser humano uma necessidade de suprir suas lacunas com as “coisas”. Temos hoje pessoas apáticas, não críticas, que aceitam padrões pré-estabelecidos pela mídia como verdades absolutas, que estão sempre à procura de uma próxima novidade que possa temporariamente preencher o seu vazio.

E como reverter tal situação? Primeiramente, deve-se repensar a própria noção de desenvolvimento. O Desenvolvimento Humano Sustentável é a nova vertente sugerida, pois engloba vários fatores: sociais, ambientais, culturais, políticos, etc. Sua visão humanista aposta no ser humano autônomo e capaz de fazer suas próprias escolhas, observando o local e o modo como ele optou viver. Essa capacidade vem do seu acesso aos bens materiais e imateriais que vão ser base para que se torne um verdadeiro cidadão.

A partir do momento que este sujeito tem esse empoderamento, pode se tornar um consumidor com uma conscientização sócioambiental mais apurada. Para adquirir um bem

ou serviço é importante que haja uma real necessidade, sempre levando em consideração os limites do nosso Planeta, suas conseqüências à natureza e às demais pessoas.

Assim, pode-se concluir que o consumo enfoca dois eixos: um que possibilita que as pessoas tenham uma melhor qualidade de vida, desde que tenham acesso a produtos e bens necessários ao seu bem estar; e outro, que está relacionado ao apelo publicitário, que gera um consumo demasiado visando uma padronização e a realização das aspirações do capitalismo. O mais importante a ser ressaltado nessa finalização é que as pessoas devem ter o direito de escolha, garantindo o respeito à sua individualidade, seus valores, suas culturas e diversidades, e à sua realização como um ser humano completo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENUTI, Caroline **O Paradigma do Desenvolvimento Humano Sustentável**. Artigo aceito para apresentação oral. III SIMPOSIO SUL BRASILEIRO DE CONSERVAÇÃO E GESTÃO AMBIENTAL – 2008. Santa Cruz do Sul-RS.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida: Uma Nova Compreensão Científica dos Sistemas Vivos**. Tradução Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 1995.

\_\_\_\_\_. **Conexões Ocultas: Ciência para uma Vida Sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002.

CATTANI, Antônio Daviid (Org.). **Emancipação Social**. In: A Outra Economia. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

DAMERGEAN, Sueli. **A Construção da Subjetividade na Metrópole Paulistana: desafio da contemporaneidade**. São Paulo: EDUSP/Fapesp, 2001.

GONÇALVES, Carlos Walter P. **A Globalização e da Natureza e a Natureza da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Desafio Ambiental**. Emir Sader org. Rio de Janeiro: Record: 2004.

GONÇALVES, Teresinha M. **Cidade e Poética: Um Estudo de Psicologia Ambiental sobre o Ambiente Urbano**. Ijuí: Editora Injuí, 2007.

\_\_\_\_\_. **Sobre os Conceitos de Desenvolvimento Sustentável e Ecodesenvolvimento**. UNESC. (texto produzido para o grupo de trabalho Meio Ambiente e Valores Humanos) . Criciúma: 2007.

INUMAR, Lucélia, PALANGANA, Isilda. **A individualidade no âmbito da sociedade industrial**. Ver. Psicol. estud. vol.6 no.2 Maringá July/Dec. 2001



LASCH, Christopher. **O mínimo eu:** sobrevivência psíquica em tempos difíceis. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LEFF, Henrique. **Saber Ambiental:** Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2004.

MANCE, André Euclides. Consumo Solidário. In: **A outra Economia.** SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). Porto Alegre. Editora Vozes:2003.

MELO, Mauro Martini. **Capitalismo versus Sustentabilidade:** o Desafio de uma Nova Ética Ambiental. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

MELLO, Reynaldo França Lins de. Complexidade e Sustentabilidade. **Ambiente Brasil.** Disponível em: [www.ambientebrasil.com.br](http://www.ambientebrasil.com.br). Acessado em: 15 de junho de 2006.

MORAN, Edgar. KERN, Anne B. **Terra Pátria.** Tradução: Paulo Azevedo Neves da Silva Porto Alegre: Sulina. 1995.

OLIVEIRA, Marielza. **O Desenvolvimento Humano Sustentável e os Objetivos do Desenvolvimento do Milênio.** Desenvolvimento humano no Recife- Atlas Municipal. Disponível em [www.pnud.org.br](http://www.pnud.org.br). Acessado em: 07 de junho de 2006.

PELIZZOLI, M.L. **A Emergência do Paradigma Ecológico:** Reflexões Ético-filosóficas para o Século XIX. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SEN. Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade.** Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras:2000.

RADLOFF, Stephan Claus. **A Inversão do Ônus da Prova no Código de Defesa do Consumidor.** Rio de Janeiro: Forense, 2002.

SEN. Amartya. **Desigualdade Reexaminada.** Tradução: Ricardo Doninelli Mendes. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da Mente:** Perspectivas da Biodiversidade e da Biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

TREVISOL, Joviles Vitório. **A Educação Ambiental na Sociedade de Risco:** Tarefas e Desafios na Construção da Sustentabilidade. Joaçaba: UNOESC, 2003.

VERONESE, Marília Veríssimo. **Subjetividade, Trabalho e Solidariedade.** *Aletheia*. [online]. dez. 2006, no.24, p.105-113. Disponível em: <[http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141303942006000300010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141303942006000300010&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 1413-0394. Acessado em: novembro de 2008.

WIKIPÉDIA. **Sociedade de Consumo.** Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade\\_de\\_consumo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_de_consumo). Acessado em: janeiro de 2009.